

Notas sobre a educação no corpo*

Carmen Lúcia Soares**

RESUMO

Os Sistemas Ginásticos são aqui compreendidos como um conjunto de conhecimentos sistematizado pelo pensamento científico que se consolida na Europa ao longo do século XIX constituindo, assim, formas modelares de educação do corpo. Revelam-se como mais um produto resultante do alargamento do urbano, da afirmação do urbano na vida em sociedade que tem a cidade como centro de poder. A cidade e os corpos que nela habitam tornam-se objeto de intervenção e de domínio da ciência. Os Sistemas Ginásticos têm a pretensão de contribuir para a regeneração física da sociedade, preservando a saúde da população em geral, assim como preparando o soldado para o combate. A Ginástica que surge e se afirma no período apresenta, então, uma competência tutelada, de um lado, pelo exército, através de certas técnicas e, de um outro, pela instituição médica de quem recebe a autoridade de seu saber. Constitui-se, portanto, como modelo técnico de educação do corpo, entendido como conjunto de forças capaz de por em movimento determinações precisas, conter e reprimir desejos, preservar energia.

Palavras-chave: corpo, ginástica, educação.

ABSTRACT

The Gymnastic Systems are understood here as a group of knowledge systematized by the scientific thought, which had been solidified in Europe along the nineteenth century, thus constituting shaped forms of body education. They are revealed as one more product resulting from urban enlargement, urban affirmation of life in society, which has the city as

* Este texto foi originalmente apresentado no VII Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, na Mesa Redonda intitulada “ Os Sistemas Ginásticos e a Educação Física Brasileira”, realizado na cidade de Gramado/RS, no período de 29/05 a 01/06 de 2000.

** Doutora em Educação, Faculdade de Educação da Universidade de Campinas - Unicamp.

a center of power. The city and bodies, which inhabit in it, become an object of intervention and domain of science. The Gymnastic Systems intend to contribute to the physical regeneration of society, preserving, in general, population is health, as well as getting the soldier ready for the battle. So the Gymnastics, which appears and asseverates itself in the period, presents on one hand, a protective competence by the army through certain techniques, and on the other hand, by the medical institution from whom it receives the authority of its knowledge. It is, therefore, made up as a technical model of body education, comprehended as a group of forces, which are able to start moving precise determinations, contain and repress desires, preserve energy.

Key-words: body, gymnastics, education.

Introdução

Minha leitura da relação e influência dos chamados Sistemas Ginásticos Europeus na formação da Educação Física brasileira recai sobre o conhecimento que constitui estes Sistemas, bem como sobre o modo seletivo como são incorporados por parte da elite brasileira que, no século XIX, identificava-se com o novo, com idéias de progresso, com abordagens científicas acerca da realidade individual e social.

A Ginástica que será objeto de interesse, de estudo e de aplicação no Brasil é aquela já praticada em diferentes países europeus ao longo do século XIX¹. Como expressão da cultura, a Ginástica européia constrói-se a partir dos divertimentos populares, dos espetáculos de rua, do circo, dos exercícios militares, bem como dos passatempos da aristocracia. Possui em seu interior princípios de ordem e disciplina coletiva que podem ser potencializados.

Para sua aceitação, porém, estes princípios de disciplina e ordem não são suficientes. À Ginástica é exigido o rompimento com o seu núcleo primordial, cuja característica dominante localiza-se no campo dos divertimentos.

É, portanto, a gradativa aceitação dos princípios de ordem e disciplina formulados pela Ginástica e também o gradativo afastamento de seu núcleo primordial que vão, pouco a pouco, afirmá-la como parte da educação dos in-

1 Sobre a Ginástica na Europa do século XIX ver entre outros: LANGLADE, A.; LANGLADE, N. R. *Teoría general de la Gimnasia*. 2. ed. Buenos Aires: Stadium, 1986; PEREIRA, C. F. M. *Tratado de Educação Física: problema pedagógico e histórico*. Lisboa: Bertrand, [s.d.]; LATY, D. *Histoire de la Gymnastique en Europe: de l'antiquité à nos jours*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

divíduos. Uma Ginástica que estará reformulando seus preceitos a partir da ciência, da técnica e das condições políticas de uma Europa que, no século XIX, consolidou-se como centro do Ocidente.

Porém, é possível destacar que o seu reconhecimento pelos círculos científicos é fator decisivo para sua aceitação por uma burguesia que a deseja transformada e, assim, devolvida à população como conjunto de preceitos e normas de bem viver. É a partir deste reconhecimento que, de fato, a Ginástica passa a ser vista como prática capaz de potencializar a necessidade de utilidade das ações e dos gestos e de ensinar o indivíduo a internalizar uma noção de economia de tempo, de gasto de energia e de cultivo à saúde como princípios organizadores do cotidiano.²

Embora existam singularidades a partir do país de origem, é possível considerar a existência de características comuns à Ginástica praticada, tais como: a idéia de regeneração física, de busca de saúde, de preparação do soldado e de moralização. Assim, ela pode ser compreendida como instrumento de divulgação de preceitos e normas, de modos de comportamento, como mecanismo de constituição e regulação da consciência. E todas estas características permearam o ideário de intelectuais brasileiros na elaboração e implementação da Ginástica³ que, de certo modo, ficou restrita ao discurso do poder⁴.

O sistemas ginásticos, o corpo e a instauração da ordem

Os Sistemas Ginásticos europeus constituem-se como produto do mundo urbano, do alargamento do urbano na vida em sociedade que se dá no século XIX. A cidade precisa ser organizada, pois nela se alastram doenças, cresce a mendicância, faltam moradias e saneamento. É também nela que se encontra o centro do poder.

2 Cf. SOARES, C. L. *Imagens da educação no corpo*. Campinas: Autores Associados, 1998. Especialmente capítulo 2, p. 18 a 33.

3 Ver especialmente a pesquisa de GOELLNER, S. V. *O Método francês e a Educação Física no Brasil: da caserna à escola*. Porto Alegre, 1992. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

4 Ver a respeito a pesquisa de MORENO, A. *Mosaico de imagens e textos: a ginástica e o corpo masculino*. Campinas, 1999. Texto de Exame de Qualificação (Doutorado) - Univeridade de Campinas.

As relações que se estabelecem com o corpo e, paralelamente, a concepção de saúde que se estrutura nesse período, apresentam fortes marcas de uma ordem econômica tão diversa quanto a do capitalismo... O corpo do indivíduo é a concretização da força de trabalho, mercadoria fundamental nesta nova ordem; o corpo social é a garantia de reprodução dessa mercadoria.⁵

O corpo, portanto, é objeto de conhecimento e de intervenção, é algo que se domina, é mensurável, é construção humana.

A Ginástica, como modelo técnico de educação do corpo, é expressão do discurso e prática do poder. Revela sua estética que pode ser traduzida pela retidão dos corpos, pela busca de uma altivez aristocrática matizada de utilitarismo burguês. O corpo é entendido como conjunto de forças capaz de por em movimento determinações precisas, conter e reprimir desejos, preservar energia.

Assim, ela surge como vestimenta necessária a um corpo que se apresenta em uma nudez não de vestes, mas de moral. Em seus preceitos, há uma clara percepção das relações entre o físico e o moral, entre normalidade física e moral.

A Ginástica vai ensinar as distâncias e os alinhamentos do corpo no espaço, a como colocar-se e manter-se ereto, a prestar atenção a esta postura de retidão, a tomar consciência da posição do corpo no espaço. É aí que a atitude militar, e toda sua precisão, empresta denso material para o campo das pedagogias que vão incidir sobre o corpo, sendo a Ginástica aquela que se revela como técnica singular de intervenção.⁶

A afirmação da Ginástica no mundo urbano está fortemente vinculada à instauração da ordem e a ordem militar é, sem dúvida, sua inspiração. Porém, ela reivindica de modo explícito e constante, uma competência científica e afirma-se em seu discurso como prática científica. Vale-se de explicações científicas para diferenciar-se de artistas de rua, de acrobatas, de funâmbulos, do mundo do circo. Seus manuais, por exemplo, aqueles que se elaboram no século XIX, são verdadeiras teias tecidas a partir de referenciais científicos que concebem a Ginástica

[...] como a ciência fundamentada de nossos movimentos, de suas relações com nossos sentidos, nossa inteligência, nossos sentimentos, nossos costumes, e o desenvolvimento de todas as nossas faculdades. A Ginástica abarca a prática de todos os exercícios que tendem a tornar o homem mais corajoso, mais intrépido,

5 SILVA, A. M. *O corpo do mundo: reflexões acerca da expectativa de corpo na modernidade*. Florianópolis, 1999. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Santa Catarina. p. 42.

6 VIGARELLO, G. *Les corps rédressés*. Paris: Jean Pierre Delarge, 1978. p. 154.

mais inteligente, mais sensível, mais forte, mais astuto, mais desembaraçado, mais veloz, mais flexível e mais ágil e que nos dispõem a resistir a todas as intempéris das estações, a todas as variações climáticas; a suportar todas as privações e contrariedades da vida; a vencer todas as dificuldades; a triunfar sobre todos os perigos e todos obstáculos; a prestar, enfim, serviços de destaque ao Estado e à humanidade. A beneficência e a utilidade pública são o objetivo principal da ginástica; a prática de todas as virtudes sociais, de todos os sacrifícios, os mais difíceis e os mais generosos são os seus meios; a saúde, o prolongamento da vida, o aprimoramento da espécie humana, o aumento da força e da riqueza individual e pública são seus resultados positivos.⁷

No interior destes manuais, mas também em publicações que tratam dos benefícios da Ginástica, pensadores da Antiguidade e do Renascimento são invocados e, muitas vezes, têm suas obras deslocadas e roubadas de sua inteireza para afirmar a cientificidade da Ginástica e os novos cânones do corpo limpo e civilizado trazidos pela sua prática constante.⁸

A Ginástica que se consolida no século XIX afirma, então, uma competência tutelada, de um lado, pelo Exército, através da utilização de certas técnicas e, de um outro, pela Instituição Médica de quem recebe a autoridade do saber.

Foucault⁹ observa que dentro de uma maquinaria de poder estatal que tende a se estender e se afirmar durante o século XVIII, a medicina, já entendida como técnica geral de saúde, assume lugar cada vez mais destacado e de importância. Por sua vez, o médico passa a consagrar uma parte cada vez maior de seu tempo às tarefas mais gerais do ponto de vista administrativo, as quais lhe foram fixadas pelo poder. Essas tarefas dizem respeito à própria dinâmica da sociedade, pois contemplam preocupações acerca da saúde e da doença dos indivíduos, de suas condições de vida, de suas habitações, seus costumes e seus hábitos. É nesse momento que tem início a formação de um saber médico administrativo e ...“o médico se torna o grande conselheiro e o grande perito, se não na arte de governar, pelo menos na de observar, corrigir, melhorar o corpo social e mantê-lo em permanente saúde.”¹⁰

7 AMOROS, F. y O. *Nouveau Manuel d'Éducation Physique, Gymnastique e Morale*. Paris: La Librairie Encyclopédique de Roret, 1838. v. 1, p. 1.

8 Exemplos mais evidentes são encontrados com referência à cultura grega e também à obra de F. Rabelais.

9 FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 6. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986. p. 202.

10 FOUCAULT, op. cit., p. 203. O autor ainda observa que é a ... “função de higienista mais do que (os) prestígios de terapeuta, que (assegura aos médicos) esta posição politicamente privilegiada no século XVIII, antes de sê-la econômica e socialmente no século XIX.”

Cabe ressaltar que o conhecimento médico, ao curar doenças, conter epidemias, e assim aumentar o tempo de vida dos indivíduos, significou uma certa “libertação”. Entretanto, cabe ressaltar, também, o caráter contraditório deste conhecimento que, ao libertar, aprisiona e revela-se como mecanismo de poder por parte do Estado que o utiliza como poder disciplinar e de modo ora sutil, ora acintoso, dele se vale para o controle das massas urbanas. Portanto, o que nos interessa analisar, é tudo o que se ousou fazer em nome da saúde para a manutenção da ordem e, neste particular, através do

[...] efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo [...] através de um trabalho insistente, obstinado, metucioso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio.¹¹

Os Sistemas Ginásticos europeus e o conhecimento que os constitui

A Ginástica privilegiou em suas sistematizações o conhecimento científico, localizado, sobretudo, na Anatomia, Fisiologia, Higiene e Mecânica, fazendo alguma alusão à Filosofia, à Música e ao Canto.¹² Esta forte vinculação com o universo científico é que foi permitindo sua inserção no discurso do poder, juntamente com a compreensão de ser ela técnica capaz de contribuir para a incorporação de alguns cuidados de si, de novos códigos de civilidade.¹³ Daí a obsessiva negação da Ginástica de seus vínculos com os divertimentos populares, com as mais variadas formas do corpo como espetáculo de rua.¹⁴ Quando a negação deste universo tornava-se impossível, as explicações buscadas recaíam sempre no caráter de utilidade das ações desenvolvidas¹⁵.

Isto porque a Ginástica, no século XIX, deseja construir um corpo revestido milimetricamente, cujo porte deve exibir simetrias nunca vistas. A nova

11 FOUCAULT, op. cit., p. 146.

12 Ver especialmente AMOROS, op. cit.

13 Ver ELIAS, N. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. v. 1.

14 Este tema está mais amplamente desenvolvido em SOARES, op. cit.

15 Como exemplo podemos nos referir aos aparelhos utilizados por AMOROS, os quais foram copiados dos funâmbulos italianos da Idade Média e Renascimento.

roupagem deste corpo deve ocultar qualquer vestígio de exibição do orgânico, qualquer perda de fixidez, qualquer sinal de mutação.

Os corpos devem apresentar-se em uma normalidade utilitária e desde a infância, ou melhor, sobretudo nela, deve incidir uma educação que privilegie a retidão, ou, como afirma Vigarello¹⁶, que os mantenha em verticalidade.

A Ginástica, portanto, é parte de uma mentalidade científica, da crença no chamado progresso e, assim, é também parte de uma ideologia cientificista que impregna a vida de indivíduos, grupos e classes, transformando a sociedade em um grande organismo vivo que tende a evoluir do inferior ao superior, do simples ao complexo, e onde tudo pode (e deve) ser medido, classificado, comparado, definido e generalizado a partir da descoberta constante de “leis”.

A partir de visões de mundo geradas no interior de teorias evolucionistas, organicistas e mecanicistas, o século XIX realiza a grande revolução científica dos laboratórios, da industrialização e do crescimento de disciplinas e de instituições sociais.¹⁷

A ciência deste período dirige um certo tipo de esquadramento da vida em todas as suas dimensões, pretendendo estabelecer uma ordem lógica nas atividades e um adequado aproveitamento do tempo ou, mais precisamente, uma economia de energias.

A Ginástica é constitutiva desta mentalidade. Destaca-se pelo seu caráter ordenativo, disciplinador e metódico. Como decorrência de sua prática sistemática, adquire-se e preserva-se a saúde, compreendida já como conquista e responsabilidade individual. Esta era a opinião de médicos e pedagogos que, ao afirmarem a Ginástica, acentuavam as críticas aos “excessos do corpo” vividos por acrobatas e funâmbulos.

Abarcando uma enorme gama de práticas corporais, o termo Ginástica, pertencente ao gênero feminino, de designação feminina e que historicamente se constrói a partir de atributos culturalmente definidos como masculinos: força, agilidade, virilidade, energia/têmpera de caráter, entre outros, passa a compreender diferentes práticas corporais. São exercícios militares de preparação para a guerra, são jogos populares ou da nobreza, acrobacias, saltos, corridas, equitação, esgrima, danças e canto¹⁸.

16 VIGARELLO, op. cit., p. 9.

17 A esse respeito ver DURKHEIM, E. *Da divisão do trabalho social*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 57 p.; LUZ, M. T. *Natural, racional, social: razão médica e racionalidade científica moderna*. Rio de Janeiro: Campus, 1988. p. 78-79.

18 Sobre o assunto consultar: PEREIRA, op. cit.; LANGLADE; LANGLADE, op. cit.; CRESPO, J. *A História do corpo*. Lisboa: Difel, 1990.

Em suas primeiras sistematizações na sociedade ocidental européia, o termo Ginástica foi assim compreendido. Quando os círculos científicos se debruçam sobre o seu conteúdo, desejam aprisionar todas as formas/linguagens das práticas corporais sob uma única denominação: GINÁSTICA.

Os Sistemas Ginásticos Europeus foram, portanto, um primeiro esboço deste esforço e o lugar de onde partiram as teorias da hoje denominada Educação Física no Ocidente. Balizaram o pensamento moderno em torno das práticas corporais que se construíram fora do mundo do trabalho, trazendo a idéia de saúde, vigor, energia e moral coladas à sua aplicação, podendo ser pensados como conjunto sistematizado, pela ciência e pela técnica, do que ocorreu em diferentes países ao longo do século XIX, especialmente na Alemanha, Suécia e França.¹⁹

Ciência e técnica parecem sempre ter comparecido para afirmar a Ginástica como instrumento de aquisição de saúde, de formação estética e de treinamento do soldado. Comparecem, sobretudo, para revelar a Ginástica como protagonista do que é racional, experimentado e explicado.

E é somente a partir da constatação da cientificidade da Ginástica que a burguesia, no século XIX, inicia um lento processo de tentativa de diferenciar sua aplicação entre os militares e a população civil.

Solicitava-se da ciência, então, o estabelecimento de diferenças, não de oposições, e pensava-se, sobretudo, na preservação da disciplina e da ordem, tão caras à instituição militar. A Ginástica deveria transformar-se em objeto de investigação científica e, desse modo, apartar-se definitivamente de seus vínculos populares.

O que predomina no pensamento científico no século XIX, sobretudo na constituição das disciplinas sociais?

Predomina o pensamento naturalista do positivismo que fará nascer a disciplina que terá como objeto de enunciados positivos (científicos) a própria sociedade como tal e suas leis.²⁰

O modelo de conhecimento adotado por este pensamento científico, que se baseia não apenas na Física, mas sobretudo na Biologia e na História Natural, é o modelo mecanicista, no qual o indivíduo, sujeito que conhece, aparece isolado da sociedade, alheio a uma interação. Este indivíduo aparece como independente da cultura, podendo assim ser

[...] reconduzido à sua natureza biológica que determina de uma maneira natural os seus caracteres e as suas propriedades [...] o indivíduo humano é biologi-

19 Sobre o assunto consultar PEREIRA, op. cit., especialmente p. 423 e seguintes.

20 LUZ, op. cit., p. 74.

camente determinado e introduz esta determinação no processo do conhecimento por intermédio do seu aparelho perceptivo; apenas registra e transforma os impulsos vindos do mundo exterior.²¹

A abordagem positivista de ciência, pautada por este modelo do conhecimento, vai produzir um conjunto de teorias que passarão a justificar as desigualdades sociais pela via das desigualdades biológicas e, como tal, “desigualdades naturais”. Uma vez abstraído o elemento histórico-social na constituição do sujeito que conhece, o que resta é um ser determinado pelas leis biológicas, cujas relações humanas não vão além daquelas que a própria natureza estabelece.

As metáforas organicistas afirmam-se e a própria sociedade, como já observamos, surge como um grande organismo vivo. Consolida-se, assim, a idéia de que é regida por leis naturais, invariáveis e independentes da ação humana porque até mesmo o ser humano fica reduzido aos seus determinantes biológicos. Em nome do progresso e da necessidade de diferentes indivíduos para ocuparem diferentes postos na sociedade capitalista, evocam-se as “aptidões naturais”, duas palavras que revelam descontinuidades radicais de sentido, mas que são largamente utilizadas no campo da Ginástica.

Noelle Bisseret²² constata que a atribuição de importância à palavra aptidão torna-se evidente a partir do século XVIII, quando aparece articulada com

[...] as noções de mérito e responsabilidade individual, elementos da ideologia igualitária. Após a Revolução Francesa, se o seu lugar permanece central nesse sistema ideológico, a função que ela exerce se altera radicalmente: a noção de aptidão, a partir daí, serve progressivamente de suporte para justificar a manutenção das desigualdades sociais e escolares que as traduzem e perpetuam. Como a nova sociedade e as instituições escolares são colocadas como igualitárias, a causa das desigualdades só pode ser atribuída a um dado “natural”.

A Ginástica será, então, mais uma expressão da naturalização da sociedade, de uma sociedade que deseja ordem e hierarquia. Assim, em suas prescrições, a ordem, a disciplina, a hierarquia e a saúde como responsabilidade individual, figuram de um modo singular. Ao reorganizar os gestos, reduzindo-os à mecânica do movimento, contribui para a criação de hábitos e

21 SCHAFF, A. *História e verdade*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983. p. 78.

22 BISSERET, N. A Ideologia das aptidões naturais. In: DURAND, J. C. G. (Org). *Educação e hegemonia de classe*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 31.

atitudes necessários à ordem capitalista e seus códigos. A apropriação do espaço e do tempo possuem outra lógica a ser internalizada.

Neste quadro de conceitos científicos e morais é que se situa um pensamento importante na consolidação da Ginástica, o pensamento médico.

Pensamento médico e consolidação da Ginástica

O pensamento médico e a medicina como instituição, tiveram um papel significativo na construção e ordenação de uma racionalidade social que nasce colada às exigências de saúde a partir de uma compreensão de corpo como corpo biológico.

O pensamento médico²³, contudo, não possui uma homogeneidade de discurso e prática. Apresenta, sim, diferentes conceitos sobre a doença, a saúde, a cura. Apresenta, também, diferentes formas de intervenção na sociedade, chegando até a elaborar um pensamento que vê o homem para além dos limites dados pela Biologia, Química, Fisiologia, aproximando-se de um entendimento da medicina como medicina social, pensamento que deu origem a um novo ramo no interior das ciências médicas: a medicina social.

A medicina social que se estruturou a partir do século XIX, procurava demonstrar que a causa ou determinação das doenças era a realidade social do capitalismo e, para tal, não era suficiente a intervenção médica no corpo individual ou no coletivo social como postulava a medicina clínica. A saúde seria conquistada e conservada com a mudança da sociedade. É a estrutura social que explica o surgimento das doenças.

Estas concepções da medicina social não foram dominantes e sim aquelas que se apresentavam a partir de “[...] teorias e categorias higienistas, com profundas implicações moralizadoras, com propostas políticas implicando adaptação de sujeitos, grupos e classes às regras médicas num processo racionalizador civilizatório”.²⁴

No conjunto destas concepções, tinham espaço alargado aquelas que tematizavam o meio circundante (natural, material ou institucional) como ob-

23 Este tema está desenvolvido mais amplamente em SOARES, C. L. *Educação Física: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994.

24 LUZ, op. cit., p. 94.

jeto da intervenção médica tais como o sanitarismo, a polícia médica e a engenharia sanitária.

A expectativa do poder era por corpos saudáveis e as intervenções médicas, suas propostas e projetos iam ao encontro desta expectativa. Porém, os corpos doentes estavam também presentes em abundância, ao lado dos saudáveis. E a explicação para a existência de corpos doentes não deveria recair sobre as condições de vida, as relações de produção capitalista. Para o poder, era necessário elaborar outras razões que não as sociais.

Se as causas não poderiam ser sociais, elas seriam biológicas, físicas (meio físico), naturais e morais. O discurso e a prática médica em suas concepções higienistas, de forte caráter moralizador, normativo e adaptativo-educativo, constituíram-se em instrumentos de intervenção na sociedade.

As tecnologias políticas que investiram sobre o corpo, sobre a saúde, sobre os modos de viver eram traduzidas pelo discurso da boa higiene que postulou regras de bem viver, as quais, uma vez conhecidas, permitiriam o alcance da tão almejada saúde.

É deste enquadramento de idéias que emerge a educação do corpo pela Ginástica, uma prática que opera tanto no corpo individual quanto na sociedade em seu conjunto, quando tornada hábito.

O pensamento médico higienista teve uma forte influência no conjunto de conhecimentos que constituíram a Ginástica, pensada então como um mecanismo a mais na construção de um corpo limpo, sadio e útil.

Não é possível negar que os conhecimentos gerados no interior das ciências médicas, e sobretudo no campo da Biologia, tiveram um significado de libertação, evidenciando que as causas das doenças não eram mais um castigo de Deus, ao mesmo tempo que divulgavam cuidados básicos sobre o corpo, entre os quais, o exercício físico. Todavia, estes mesmos conhecimentos retardaram largamente a compreensão do homem como um ser de natureza social, cuja humanidade provém de sua vida em sociedade, pois

[...] na medida em que a multiplicidade das determinações que marcam o corpo dizem respeito à forma pela qual o homem se relaciona com o meio físico e com os outros homens, e ainda às formas assumidas historicamente por essas relações, o corpo anátomo-fisiológico aparece como um corpo investido socialmente. É através das formas elaboradas na vida coletiva que o corpo se dimensiona e adquire o significado por referência à especialidade da estrutura social.²⁵

25 DONNANGELO, M. C. F.; PEREIRA, L. *Saúde e sociedade*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1979. p. 25-26.

Ginástica, uma pedagogia terapêutica

No âmbito, ainda, do conhecimento que constitui a Ginástica, cabe ressaltar os estudos relativos às doenças pulmonares e aos problemas respiratórios. A Ginástica, então, passa a compor a terapêutica destas doenças com acentuada ênfase na educação da respiração.

Mais amplamente, é possível afirmar com Michele Perrot²⁶ que o corpo vivo, em movimento, passa a ser visto como o centro do aparelho produtivo. Na segunda metade do século XIX, há uma progressiva e cada vez mais especializada utilização de máquinas no mundo do trabalho, o que resulta em redução da importância da força física para parcela significativa da população. O que se torna relevante é a obtenção e sustentação da resistência, sobretudo da resistência ao desgaste nervoso. Assim, elabora-se, com requinte, um modelo novo de corpo útil e uma tecnologia do orgânico se conceitualiza com a finalidade de fazer crescer a chamada eficácia funcional.²⁷

Nesse momento, a Ginástica é abraçada por ser percebida como capaz de revelar, a partir de sua apurada sistematização, uma visão totalmente nova do movimento corporal, e também de sua aplicação no trabalho.²⁸

O profissional da Ginástica

A Ginástica tornava-se algo com relativa importância e uma formação específica para ensiná-la colocava-se como necessária.

Para Amoros, fundador do chamado Método Francês de Ginástica, cuja obra foi sistematizada na primeira metade do século XIX, a formação específica dar-se-ia em duas etapas. Na primeira, aquele que pleiteia a tarefa de ensinar Ginástica deveria ter uma formação no campo da Filosofia e receber lições de canto e expressão musical. Fortemente influenciado pela idéia de

26 PERROT, M. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p.78.

27 Cf. VIGARELLO, op. cit., p. 215.

28 Para maiores informações consultar VIGARELLO, op. cit., p. 86. Cabe destacar também os sofisticados estudos realizados por E. J. MAREY e G. DEMENY sobre a decomposição do movimento, a utilização da cronofotografia, a criação da ergonomia.

uma educação dos sentidos²⁹, Amoros acreditava que para moldar o corpo era necessário um refinamento do espírito. Os saberes sensíveis estavam na base da formação e somente de posse deles é que se passava para os conhecimentos científicos com lições de Anatomia e Fisiologia.³⁰

Estas ciências, pela importância que possuíam na sociedade da época, conferiam legitimidade àqueles que delas fizessem uso em suas profissões. No caso daquele que ensinava Ginástica, estas ciências, acrescidas ainda pela Mecânica, permitiam-lhe a compreensão dos movimentos corporais e das suas funções, bem como a possibilidade de proceder a interpretações acerca do caráter de seus alunos, sobretudo daqueles portadores de taras biológicas. Vale ressaltar, nesse período, o deslocamento das explicações da Física para a Biologia e da preponderância do orgânico nas explicações do social dadas pela ciência.

Para além do conjunto de conhecimentos científicos, a formação daquele que ensina Ginástica na perspectiva amorosiana comportava, ainda, a tecnologia ginástica, cujo conteúdo compreendia noções de cálculo e geometria e era voltado para a construção, reforma e criação de máquinas e instrumentos para as aulas. A inclusão destes saberes atestava o fascínio que as máquinas em geral sempre despertaram e que, não só no âmbito da Ginástica, é ainda presente na atualidade.

A formação daquele que ensinava Ginástica completava-se pela compreensão profunda do principal objetivo do método de Amoros: desenvolver as faculdades físicas e morais dos indivíduos. As faculdades puramente físicas eram delimitadas em torno da força, agilidade, velocidade, destreza e resistência. As faculdades físicas e morais eram a regularidade, a graciosidade, o zelo, a energia e a perseverança. Por fim, as faculdades puramente morais eram a sabedoria, a precisão, a temperança, a bondade, a generosidade e o amor ao bem.

Esta formação física e moral perseguida por Amoros, traz em seu interior uma idéia de força própria do romantismo, qual seja, a reinvenção do herói e a dinamização do mito da nação. Seus alunos eram ensinados, até mesmo através dos cantos, a servir ao Rei, à Pátria e a Deus. Deveriam ser virtuosos, leais e praticar o bem em qualquer situação. Mas estas características, marcadamente aristocráticas, deviam estar vinculadas ao pragmatismo utilita-

29 ROUSSEAU, L. J. discorre largamente sobre a necessidade de uma educação dos sentidos em sua obra *Emílio*. Lisboa: Europa-América, 1990. v. 1. Ver Também LOVISOLO, H. *Estética, Esporte e Educação Física*. Rio de Janeiro: Sprint, 1997, especialmente o capítulo 2.

30 Ver AMOROS, op. cit., ao longo de toda a obra, encontram-se idéias sobre a formação daquele que ensina Ginástica.

rista da burguesia. As ações deviam ser úteis e não apenas boas ou belas ou leais.

Na segunda metade do século XIX, o biólogo Georges Demeny também deu atenção especial à problemática em torno da formação de um profissional do ramo. Para ele, tal como para Amoros, a Ginástica não poderia aparecer associada a práticas e locais onde o gasto de forças não era medido, nem economizado. Para ele, aquele que ensinava Ginástica deveria reunir os conhecimentos do sábio, bem como aqueles do prático para, então, adaptá-los ao aperfeiçoamento do homem.³¹

Demeny denominava este profissional com uma expressão bastante curiosa: “engenheiro biologista”, expressão que sugere algumas interpretações. De um certo modo, parece revelar uma tentativa de Demeny de aproximar ainda mais a Ginástica de dois campos já reconhecidos e destacados da sociedade oitocentista, sobretudo nos círculos científicos: a Engenharia e a Biologia.

A Engenharia desenvolvera uma apurada tecnologia nas construções de grandes estradas de ferro, pontes e palácios públicos, atestando, inclusive, uma tentativa de fazer destas construções obras de arte ou, como afirma Hobsbawm, “*monumentos às belas artes*”.³²

A Biologia, por sua vez, atingia de modo direto o homem social e estava vinculada ao conceito de evolução, cuja importância já era incontestável no final do século XIX. Porém, há um outro ângulo a ser considerado nesta importância atribuída à Biologia. Conforme Hobsbawm, sob a forma de racismo, a Biologia fornece os elementos essenciais para a elaboração da ideologia igualitária da burguesia, deslocando a culpa das desigualdades da sociedade para a “natureza”.

Assim tornava-se possível, nesse momento em que predominava uma visão tecnificada da vida humana, mais que em qualquer outro, navegar em certezas, evidências e estatísticas. A eficiência orgânica, a planificação do trabalho, as descrições e os números mostrados sempre com mais exatidão por uma Fisiologia cardio-pulmonar atestavam a soberania da Ciência. E a Ginástica compunha este mosaico de certezas, onde apenas as ações úteis e passíveis de comprovações experimentais tinham lugar.

31 Para maiores esclarecimentos consultar DEMENY, G. *Les bases scientifiques de l'Éducation Physique*. 8. ed. Paris: Librairie Félix Alcan, 1931. p. 24-25.

32 HOBBSAWM, E. *A era dos impérios: 1875-1914*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 315.

Os Sistemas Ginásticos europeus e sua importância para o desenvolvimento da hoje chamada Educação Física brasileira

Uma leitura possível da importância dos Sistemas Ginásticos europeus para a Educação Física brasileira pode ser efetuada através da obra de intelectuais que tiveram um papel determinante no fortalecimento e expansão de instituições públicas como, por exemplo, a escola, bem como na elaboração e implementação de leis que viessem assegurar e ampliar direitos civis.

Para este trabalho tomei como referência aspectos da obra de Rui Barbosa, na qual podem ser encontradas extensas análises do desenvolvimento da Ginástica na Europa, bem como de sua ampla aceitação, naquele continente, como parte integrante dos currículos escolares.

Rui Barbosa representa parte da elite brasileira identificada com o progresso e o desenvolvimento. Em sua obra, dialoga com um Brasil que reflete de modo marcante os seus três séculos de regime colonial e o nascente e incipiente processo de transformação econômica e cultural que teve um forte impulso no início do Império e que se alarga com a proclamação da República.

Nesse momento, fim do século XIX, esboça-se no Brasil uma economia urbano-industrial e uma elite com idéias burguesas e européias projeta-se num espaço onde caminham lado a lado com uma acentuada miséria, doenças e prostituição. De fato, o capitalismo está nascendo no Brasil.

Como parte da elite que se identifica com o progresso e o desenvolvimento, Rui Barbosa vai defender a educação pública e estatal para o povo, reivindicando a eliminação da ignorância. A sociedade em seu conjunto é pensada a partir de um processo de importação de teorias européias que, assimiladas seletivamente, passam a instrumentalizar diferentes práticas sociais, entre elas, a Educação, a Saúde e também a Ginástica, através de um processo de ruptura com o contexto de origem e de uma adequação/adaptação aos padrões de desenvolvimento das incipientes relações capitalistas no Brasil.

Para Rui Barbosa, era dever primário da existência humana cuidar do corpo, da saúde e a Ginástica seria o elemento capaz de promover a saúde, através do exercitar de músculos, da educação da respiração. Deveria fazer parte do currículo escolar como conteúdo obrigatório, pois sua obrigatoriedade já era universalmente aceita. Em sua concepção de educação escolar, a Ginástica deveria acompanhar todo o ensino e plantar no homem o sentimento de sua necessidade assim como o do “pudor, da urbanidade e do asseio”.³³

33 BARBOSA, R. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1882. v. 9, T. 1, p. 174. Utilizo aqui a edição de 1942.

Rui Barbosa observa que

[...] a ginástica, além de ser o regimen fundamental para a reconstituição de um povo cuja virilidade se depaupera e desaparece de dia em dia a olhos vistos, é ao mesmo tempo, um exercício eminentemente, insuperavelmente moralizador, um germen de ordem e um vigoroso alimento da liberdade. Dando à criança uma presença erecta e varonil, passo firme e regular, precisão e rapidez de movimentos, prontidão no obedecer, asseio no vestuário e no corpo, assentamos insensivelmente a base de hábitos morais, relacionados pelo modo mais íntimo com o conforto pessoal e a felicidade da futura família, damos lições práticas de moral talvez mais poderosas do que os preceitos inculcados verbalmente.³⁴

Quais as fontes em que se baseia Rui Barbosa em sua argumentação a favor da Ginástica? Baseia-se em obras de médicos e naquelas que tratam dos Sistemas Ginásticos europeus, dedicando parte de seus estudos à análise de estatísticas de diferentes países europeus que adotaram a Ginástica por suas propriedades médicas, pedagógicas e morais. Procede, assim, a uma extensa exposição de idéias baseadas em dados empíricos dos benefícios da Ginástica, o que o faz concluir, em seu parecer acerca da Reforma do Ensino Primário e Várias Instituições Complementares da Instrução Pública³⁵, pela necessidade de se fundar uma escola normal de Ginástica para formar professores. Para tal, caberia ao governo obter contratos no exterior de ginastas europeus notáveis pois “[...] Não existem entre nós, nem se podem improvisar, especialistas num tão delicado assunto como a Ginástica escolar.”

A Ginástica científica, respaldada no campo das ciências biológicas, recomendada mundialmente por médicos, tornava-se, de fato, um eficaz instrumento de veiculação de uma moral adequada ao poder, através de um exacerbadado cuidado higiênico com o corpo.

E Rui Barbosa teve habilidade, diplomacia e competência para, sobretudo, integrar a Ginástica aos currículos escolares. Em nome do novo, do moderno, do científico, colocou a Ginástica como potencialmente capaz de, em si mesma, desenvolver corpos saudáveis em meio à miséria física e social do povo.³⁶

34 BARBOSA, R. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1883. v. 10, T. 2, p. 98. Utilizo aqui a edição de 1946.

35 Este Parecer é resultado do estudo a que a Câmara dos Deputados teve de proceder a respeito do decreto n. 7.247, de 19 de abril de 1879, expedido pelo ministro do Império, professor Carlos Leôncio de Carvalho.

36 Desenvolvi mais amplamente esta temática no livro *Educação Física: raízes européias e Brasil*, especialmente página 115 e seguintes.

Palavras finais

Há vários aspectos que indicam as fortes marcas dos Sistemas Ginásticos europeus na hoje chamada Educação Física brasileira. Estes aspectos, contudo, são pouco explorados na área pelas mais diferentes razões, entre elas, pelo pouco esforço no campo da pesquisa em privilegiar esta temática.

Partindo da premissa de serem os Sistemas Ginásticos europeus as primeiras sistematizações científicas da Ginástica e que serviram de base para a constituição de um pensamento científico acerca das atividades físicas nos últimos 200 anos, mesmo com todas as críticas de nosso olhar do presente, estamos diante de uma densa problemática que, se não tratada adequadamente, pode comprometer a compreensão da historicidade da Educação Física brasileira. A influência destes Sistemas Ginásticos é real, tendo-se ou não conhecimento a seu respeito.³⁷

A título de finalização deste trabalho, talvez pudéssemos, para além do que já foi tratado em torno da constituição do conhecimento que permitiu a construção destes sistemas, destacar a problemática da formação do profissional do ramo, a qual se dá pela eleição de conhecimentos entendidos como necessários e importantes em diferentes momentos históricos, e cujas permanências merecem uma análise mais cuidadosa.

O que permanece e o que predomina até os dias de hoje na formação do profissional do ramo no Brasil? Mesmo sendo esta formação constituída por diferentes campos do conhecimento, o que predomina é uma abordagem naturalizada do conhecimento tratado. O predomínio de uma abordagem traz sérias conseqüências, uma vez que amplia um campo que é reconhecido como hierarquicamente superior aos demais para fornecer explicações sobre o corpo, sua funcionalidade e as atividades ditas “físicas”. Tal qual nos Sistemas Ginásticos, a formação científica é dada pela Anatomia, Fisiologia, Biomecânica, portanto é o campo das ciências biológicas e físicas que fornece o argumento de autoridade para o profissional do ramo.

O diálogo entre as Ciências Sociais, a Filosofia, as Artes, a Pedagogia e o campo das Ciências Físicas e Biológicas, essencial a uma área interdisciplinar como a Educação Física, perde-se em críticas e querelas em torno da busca de hegemonia na formação.

Desse modo, as explicações para os fenômenos contemporâneos acerca do corpo e das atividades “físicas”, embora largamente tratadas em densas re-

37 Ver, por exemplo, MARINHO, I. P. *História da Educação Física no Brasil*. São Paulo: Cia. Brasil, [s. d.].

flexões no campo das Ciências Sociais, Filosofia, Pedagogia, Artes e por parte da Educação Física, pouco tem chegado àqueles que vão trabalhar com elas e ensiná-las nos mais distintos espaços de suas aplicações. Parece que aos profissionais do ramo bastam as explicações próprias da racionalidade instrumental, os ciclos de consumo e gasto energético, a composição corporal, a obsessão esportiva. A eles se impõe uma cultura do consumo, uma racionalidade do consumo, onde tudo, até mesmo o corpo, é regulado por um ciclo de absorção e de eliminação tanto do orgânico quanto do econômico.³⁸ A formação deste profissional ainda é cercada de ingenuidade e o conjunto das atividades físicas é visto sempre como positividade, sem contradições, sem polissemia.

Em 1990, encerrei minha pesquisa de mestrado³⁹ com a seguinte indagação: “... os apelos da mídia às fórmulas frenéticas de cuidar do corpo não seriam a nova roupagem de um higienismo e um eugenismo pós-moderno?”

Se, no século XIX, a obsessão era pela retidão dos corpos, hoje é pelos seus invólucros, ou conforme Courtine

[...] o desejo de obter uma tensão máxima da pele; o amor pelo liso, pelo polido, pelo fresco, pelo esbelto, pelo jovem; ansiedade frente a tudo o que na aparência pareça relaxado, franzido, machucado, amarrotado, enrugado, pesado amolecido ou distendido: uma contestação ativa das marcas do envelhecimento no organismo. Uma negação laboriosa de sua morte próxima. Prazeres ambíguos do exercício, gestão rigorosa do corpo, paixão regenerativa da pele[...]⁴⁰

O historiador Marc Bloch nos diz que “[...]é tal a força da solidariedade das épocas que os laços de inteligibilidade entre elas se tecem verdadeiramente [...] A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado.”⁴¹

38 Cf. COURTINE, J-J. Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT’ANNA, D. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995. p. 81-114. p. 86.

39 SOARES, C. L. *A influência do pensamento médico higienista na Educação Física no Brasil: 1850-1930*. São Paulo, 1990. Dissertação (Mestrado em Educação: Filosofia e História da Educação) - PUC/SP.

40 COURTINE, op. cit., p. 86-87.

41 BLOCH, M. *Introdução à história*. 5. ed. [s.l.]: Europa-América, [s.d.], p. 42.